

ISSN 0101 - 3335

LETRAS DE HOJE

N.º 87

MARÇO DE 1992

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

Centro de Estudos da Língua Portuguesa

Letras de Hoje
estudos e debates de
assuntos de lingüística,
literatura e língua
portuguesa

1967 - 1992

REVISTA LETRAS DE HOJE

CELEBRA COM ALEGRIA O

JUBILEU DE PRATA

25 ANOS DE CIRCULAÇÃO ININTERRUPTA

LAUS DEO SEMPITERNA

EXPEDIENTE

LETRAS DE HOJE

Fundada em 1967

Administração

Avenida Ipiranga, 6681
Caixa Postal 1429
90620 Porto Alegre - RS Brasil

Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras / Centro de Estudos da Língua Portuguesa em convênio com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e FAPERGS.

Diretor:

Prof. Ir. Elvo Clemente

Assessoria Editorial:

Maria Eunice Moreira

Composição e Arte Final

ARTLINE

Consultoria e Sistemas de Informática
Fone: (051) 221.2493

Impressão:

Gráfica EPECÊ

Conselho Editorial:

Para assuntos lingüísticos: Augustinho Staub, José Marcelino Poersch, Leonor Scliar Cabral, Leci Borges Barbisan, Feryal Yavas e Mehmet Yavas.

Para assuntos literários: Gilberto Mendonça Teles, Heda Maciel Caminha, Petrona Domínguez de Rodrigues Pasqués e Regina Zilberman.

Para assuntos interdisciplinares: Ignácio Antônio Neis e Urbano Zilles.

A Revista aceita contribuição de sua especialização.

Os originais enviados à Revista não serão devolvidos, mesmo que não sejam utilizados.

A Revista aceita trocas.

On demande l'échange.

We ask exchange.

Preço da assinatura:

- 4 números anuais:

Brasil: Cr\$ 6.000,00

Exterior: US\$ 10

- Número avulso: Cr\$ 2.000,00

Os pagamentos podem ser feitos por cheques bancários ou através de vale postal em favor da EDIPUCRS.

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 12001
90620 - Porto Alegre - RS - Brasil

SUMÁRIO

Maria Eunice Moreira APRESENTAÇÃO	5
Carlos Jorge Appel A vida do campo no palco: O monarca das coxilhas	7
Nelci Müller Missões: Literatura e História	17
Ingart Grützmann Bonow A poesia em língua alemã nos anuários sul-rio-grandenses (1874 - 1941)	35
Carlos Alexandre Baumgarten Ficção e história em Antônio Chimango	63
Maria Luiza Ritzel Remédios Reynaldo Moura: entre a verdade, a memória e a invenção	79
Maria Eunice Moreira Noite: uma sociedade oculta	87
Maria da Glória Bordini O questionamento político em O arquipélago, de Erico Veríssimo	99
Márcia Ivana de Lima e Silva A Polifonia em O senhor embaixador	111
Regina Zilberman Revendo a história das missões jesuíticas: A cidade dos padres	125
Ir. Elvo Clemente Desiderium desideravi	135
Walmir Ayala Zeferino Fagundes, um poeta	142
Maria Luisa Ritzel Remédios A Imagem recíproca	149

LANÇAMENTO DA EDIPUCRS
sem co-edição

CEGALLA, Ir. José. Maria: A Mulher da Libertação. 1989, 119p.

CENTRO DE PESQUISAS LITERÁRIAS. Da Abolição à República. 1989, 122p.

DIEHL, Astor Antônio. Círculos Operários no Rio Grande do Sul: um projeto social-político. 1990, 136p.

EMPINOTTI, Prof. Ir. Moacyr. Os valores a Serviço da Pessoa Humana. 1990, 127p. Um verdadeiro manual para educadores e para os que buscam séria e corajosamente encontrar bases sólidas de sustentação existencial.

FONSECA, Jussara Teresa Vieira da. Quiroterapia: Guia de Assistência Prática ao Paciente. 1991, 68p.

MARTINS, Prof. Ir. Adelino da Costa. Contexto Histórico e Social da Obra Educativa de Champagnat. 1990, 96p.

OLIVEIRA, Marília Gerhardt de. Manual de Anatomia da Cabeça e do Pescoço para Estudantes de Odontologia. 1990, 109p.

PAVIANI, Jayme. A Racionalidade Estética. 1991, 137p. Trata-se de aspectos da racionalidade estética na Literatura, com aplicações à arte em geral, mas restrita aos fenômenos da percepção, da imaginação e do inconsciente.

PEREIRA, Leda Coelho Ribeiro. A Influência de Emmanuel Mounier na Escola do Serviço Social da PUCRS. Cadernos EDIPUCRS nº 1. 1992, 54p.

STREHL, Afonso e FATIN, Nelson Danilo. Formação de Professores para o Ensino Profissionalizante. 1990, 168p. Um trabalho sério é o que realizam com coragem e competência. Significa uma contribuição valiosa para servir de parâmetro aos administradores e técnicos educacionais na procura de novos rumos para o sistema de educação vigente.

ZILLES, Urbano. A Significação dos Símbolos Cristãos. 1990, 72p.

ZILLES, Urbano. A Significação dos Símbolos Cristãos. 2ª edição, 1991, 72p.

ZILLES, Urbano. O Racional e o Místico em Wittgenstein. 1991, 70p. O autor apresenta um estudo com objetivo de introduzir o leitor não especializado em lógica e matemática nas duas grandes obras de Wittgenstein; parte do pressuposto de que as duas ordens do conhecimento de Blaise Pascal - a da razão e a do coração - podem auxiliar na compreensão da obra desse pensador.

PEDIDOS DIRETAMENTE À:
EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90.610 - Porto Alegre/RS

Fone (051) 339.1308

APRESENTAÇÃO

Em 1977, quando foi instalado o Centro de Pesquisas Literárias, vinculado ao Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, definiu-se como uma das linhas de investigação aquela que se destinava às questões relativas ao estudo da literatura produzida no Estado do Rio Grande do Sul. Em sua fase inicial, a linha de pesquisa voltada à literatura sul-rio-grandense apresentava-se com um duplo objetivo: ao mesmo tempo que buscava dados para refletir sobre a formação da literatura regional, visava também resgatar textos e autores fundamentais para a compreensão das manifestações culturais sulinas. A proposta não pretendia ressaltar a literatura como fenômeno particular do Estado, mas buscava estudá-la e compreendê-la no contexto mais amplo da cultura brasileira, à luz de pressupostos teóricos provenientes das diferentes correntes e teorias críticas discutidas no Programa de Pós-Graduação. Desse modo, uniam-se os objetivos do Curso - produção do conhecimento e formação de recursos humanos - às finalidades do CPL - busca de aprofundamento científico e sua divulgação entre a comunidade educacional.

A meta traçada inicialmente comprovou sua eficácia ao longo desses quinze anos. O trabalho de pesquisa desenvolvido pelo CPL tem recebido o reconhecimento oficial das agências financiadoras oficiais, bem como incentivo e o apoio de entidades privadas. Isto se deve justamente porque se reúnem docentes e discentes da PUCRS, juntamente com pesquisadores vinculados a outras instituições de ensino superior, na tarefa conjunta de reavaliar e recuperar o patrimônio literário do Estado, tarefa com a qual a Universidade também precisa se comprometer.

Eis o motivo pelo qual se organiza este número de Letras de Hoje: procura-se divulgar uma série de ensaios que demonstram o estágio atual de reflexão dos pesquisadores, mas, sobretudo, deseja-se comprovar que a proposta original tem seguidores. Três dos estudos aqui apresentados constituem trabalhos produzidos por discentes do Curso de Pós-Graduação que, através de dissertações de Mestrado, ampliam a reflexão crítica sobre a literatura rio-grandense, privilegiando ângulos de pesquisa até então inéditos.

Além desses trabalhos, a Revista conta com a colaboração do ex-Secretário de Cultura do Rio Grande do Sul, Carlos Jorge Appel, analisando o primeiro texto teatral sobre o gaúcho: O monarca das coxilhas; e encerra com um estudo de Walmir Ayala, escritor e intelectual gaúcho falecido em 1991, no Rio de Janeiro.

Por essas razões, se este número monográfico de Letras de Hoje reveste-se de um caráter duplamente festivo -, comemora-se 25 anos de lançamento da Revista e 15 anos da instalação do Centro de Pesquisas Literárias - confirma também o vigor e a disposição da pesquisa. Essa não esmoreceu - com o passar do tempo, mas se tornou mais consistente, comprovando o interesse pela literatura do Rio Grande do Sul entre os consumidores contemporâneos e pela investigação de seus temas por uma geração de novos críticos, formada no âmbito da Universidade.

Maria Eunice Moreira
Organizadora

A Vida do Campo no Palco: O Monarca das Coxilhas

Carlos Jorge Appel

Deixe-se disso, papai: o talento não tem pátria; e, se a tem, é ...
o mundo.

Ato II, cena I - O monarca das coxilhas - César de Lacerda.

1. Nossa Historiografia Cênica

Se a preocupação com a realidade teatral brasileira enquanto processo cultural é recente, devemos aos românticos os primeiros ensaios sobre a nossa emergente produção teatral. Sobressaem, na análise do nosso teatro de então, José de Alencar, Machado de Assis e Gonçalves Dias. Mas praticamente todos os românticos que escreveram peças de teatro também se ocuparam de sua análise, de Gonçalves de Magalhães e Álvares de Azevedo.

Dos historiadores da literatura, quem mais se interessou pela dramaturgia foi Sílvio Romero; tornaram-se referências obrigatórias da bibliografia teatral o capítulo sobre o teatro no "Quadro sintético da evolução dos gêneros" e sua incomparável interpretação de Martins Pena. José Veríssimo preferiu voltar sua atenção para outros gêneros literários, assim como Araripe Júnior. Carlos Sussekind de Mendonça, Múcio Paixão, Ranulpho Prata e Max Fleiuss se ocuparam com méritos da evolução do teatro no Brasil. Mas os trabalhos críticos importantes começaram, de fato, com Décio de Almeida Prado. Com ele, a expressão teatral brasileira alcança um critério exclusivamente artístico, adquire seu justo entendimento como gênero literário. Já Galante de Sousa transforma o seu *O teatro no Brasil* em forma indispensável de consulta. Em 1961, há exatos 30 anos, aparecia *Teatro in Brasile*, publicado na Itália, de Ruggero Jacobbi. Nenhum deles se ocupa minimamente da vasta obra teatral do português César de Lacerda que, por um longo período de sua vida, viveu, escreveu teatro, inclusive ambientando uma de suas peças no extremo sul do país.

2. A Historiografia Cênica no Rio Grande do Sul

O teatro teve uma enorme importância no lazer dos gaúchos, sobretudo na segunda metade do século XIX, o que se infere da proliferação de associações culturais voltadas para o canto coral, a ópera e o teatro. Todo município que se prezasse construía sua casa de espetáculos, que passava a ser o coração cultural da comunidade. Todos os teatros importantes do Rio Grande do Sul são, praticamente, do século XIX. Mas a produção, em quantidade e, sobretudo, em qualidade, não correspondia aos anseios da comunidade. A primeira observação a esse respeito é do crítico João Pinto da Silva: "Em face do conjunto da atividade espiritual do Brasil, a produção teatral representa parcela insignificante em qualidade e quantidade. No caso particular do Rio Grande, o que se observa é até quase ausência de teatro (*História literária do Rio Grande do Sul*, 2ª edição, p.163). Convém observar, no entanto, que Joaquim Alves Torres é apenas mencionado; nenhuma referência sobre o teatro de Simões Lopes Neto. Qorpo Santo e César de Lacerda inexistem. Segundo João Pinto da Silva, o ponto culminante do teatro gaúcho seria *Thalita*, de Pinto Rocha. Detalhe: a ação da peça se desenrola em Portugal.

Já Athos Damasceno tem outra opinião em *Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre, no século XIX* (Globo, 1956). Registra os importantes efeitos e conseqüências culturais do teatro no Rio Grande do Sul, revelando os "anseios extremados da época". Athos Damasceno vê o teatro como obra de arte e espetáculo e requer, para o gênero, um critério específico. E observa: "O teatro rio-grandense de oitocentos, se literariamente não logrou realizar-se, popularmente, digamos assim, alcançou sem dúvida os objetivos que mirava". E adverte que o teatro gaúcho deve ser considerado muito menos pelo seu lado artístico do que do ponto de vista de "suas generosas repercussões sociais". (p. 340/341).

Lothar Hessel e George Readers em *O Teatro no Brasil* (UFRGS/IEL, 1979) rastreiam a produção teatral do Rio Grande do Sul no século XIX, mas as referências a autores e peças são precárias, ficando em nível sociológico e histórico. Já Guilhermino César, em sua *História da literatura do Rio Grande do Sul* (Globo, 1956) se detém com vagar na produção teatral, mas ainda assim apenas Joaquim Alves Torres consegue referências mais demoradas, enquanto Qorpo Santo, Simões Lopes Neto e César de Lacerda não aparecem sequer no horizonte. Guilhermino César se ocuparia, em artigos publicados no *Diário de Notícias*, em 1957, de *O monarca das coxilhas*, assim como Eneidy Till (*Correio do Povo*, 1982). Mais tarde, Guilhermino César viria a fazer uma exegese completa sobre a obra de Qorpo Santo. Fica claro que grande parte dos autores teatrais do RGS continuavam desconhecidos e sua obra soterrada pelo tempo.

Na década de 1950/60, o Curso de Arte Dramática da então Faculdade de Filosofia da UFRGS, fundado e dinamizado por Luiz Pilla, dava um salto de qualidade ao trazer Ruggero Jacobbi para a sua direção. Não só se criaram melhores condições para a formação de quadros, como se incentivou o surgimento de teatrólogos, diretores, já anteriormente projetados pelo Teatro do Estudante do RGS; não só aportaram teatrólogos como Ionesco para discutir com os alunos as suas próprias peças encenadas, como se estimulou em definitivo a pesquisa teatral no Rio Grande do Sul. O próprio Ruggero Jacobbi daria o exemplo ao publicar *Goethe, Schiller, Gonçalves Dias* (Faculdade de Filosofia da UFRGS, 1958), em cujo ensaio redescobre e reavalia a importância de Gonçalves Dias como dramaturgo. Na esteira desse clima de efervescência - nada surge ao acaso - aconteceria a descoberta de um teatrólogo de importância nacional, Qorpo Santo, cujas peças foram encenadas por A. Carlos Sena, com o incentivo de Aníbal Damasceno. Foi ele quem primeiro acreditou na importância de Qorpo Santo.

Ângelo Ricci e Gerd Bornheim dariam continuidade ao trabalho de Ruggero Jacobbi à frente do CAD, projetando no país talvez a mais importante geração de atores, diretores, técnicos e pesquisadores de teatro que o Rio Grande já teve em toda a sua história. Gerd Bornheim contribuiria em muito para a discussão sobre a função do teatro no mundo contemporâneo com *O sentido e a máscara* (UFRGS, 1965). Não há, contudo, no livro, referência ao teatro no RGS.

Cláudio Heemann, que vinha do teatro universitário como ator e diretor, vai apostar na crítica teatral como atividade permanente, fazendo aqui no Sul papel similar ao de Décio de Almeida Prado e Sábaro Magaldi em São Paulo. Seus artigos, publicados em revistas e jornais, mostram uma clara opção pela análise estática da obra. Desde a década de 1960 vem registrando o que de mais importante se produziu ou apareceu em nossos palcos. Deve-se à sua persistência a descoberta dos manuscritos teatrais de Simões Lopes Neto, cujo primeiro volume, contendo seis peças, foi publicado pelo Instituto Estadual do Livro, em 1990, durante a gestão extraordinária de Regina Zilberman; igualmente ao esforço de ambos se deve a publicação, um ano antes (1989), do *Teatro social* de Joaquim Alves Torres.

Independente de possuir ou não valor estético, a publicação destes textos importa seu valor documental e para caracterizar a continuidade do processo cultural. Nesse mesmo sentido, parece, absurda a inacessibilidade da peça de César de Lacerda *O monarca das coxilhas*, de 1867. Por sugestão de Regina Zilberman, esta peça foi pesquisada no Curso de Pós-Graduação da PUC/RS por Regina de Fátima Simões e Silva e será publicada, talvez no decorrer de 1991, pelo Instituto Estadual do Livro. Aos poucos vai se tornando possível escrever a real história do teatro no Rio Grande do Sul, porém muito do que foi produzido ainda precisa vir à tona.

4. A Necessidade de um Processo Cultural Contínuo

A leitura de escritores contemporâneos permite, quase sempre, uma identificação mediata do leitor com os anseios e inquietações do seu tempo; permite que ele encontre nas obras respostas mais próximas às suas interrogações do que nos clássicos de séculos anteriores. Mas como criar um hábito que inexistia no processo cultural luso-brasileiro, como é o caso do teatro? Portugal não nos legou uma dramaturgia, sendo Gil Vicente uma exceção que, por si só, não poderia sustentar o florescimento de um teatro nacional, ao contrário do que aconteceu na Espanha, França, Inglaterra, Itália, Alemanha. Não herdamos uma dramaturgia, nem o hábito de freqüentar teatro. Tivemos que buscar o hábito fora de nossas fronteiras e longe das nossas tradições. Nem se diga tampouco que nosso teatro começou no século XVI com Anchieta, pois suas peças têm como objetivo apenas a catequese do índio. Antônio José, o Judeu, se constitui em tentativa isolada. Seria preciso esperar a geração romântica, já em meados do século XIX, para que pudéssemos ver nos palcos do país uma nascente dramaturgia de caráter nacional. Ainda assim, os meios teatrais eram tão precários que Gonçalves Dias situa a ação de suas peças no exterior. Os românticos fundam o teatro brasileiro quando colocam no palco aquilo que dizia respeito ao público. No humor de Martins Pena, Macedo, Alencar, Machado de Assis, Artur Azevedo ou França Júnior identificamos o caráter do homem brasileiro, o perfil da sociedade rural e urbana da época, assim como os contrastes da Brasil colonial e imperial. O teatro romântico viria a se constituir num elemento catalizador da identidade nacional. José Veríssimo preconizava: "Produto do Romantismo, o teatro brasileiro finou-se com ele". Mais ainda: os críticos literários respeitadas no país viam a produção dramática sem a força do romance ou da poesia. Exigente, José Veríssimo flagrou o verdadeiro buraco negro em que se encontrava imersa a dramaturgia em fins do século XIX. Nenhum autor de peso, nenhuma obra relevante.

Convém, no entanto, atentar para uma observação de Machado de Assis: "Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e de outros é que se enriquece o pecúlio comum". Com isto Machado de Assis tenta indicar o único caminho possível para a constituição da nossa identidade cultural. Os melhores pensadores brasileiros, de José Veríssimo a Antonio Candido, de Machado de Assis a Roberto Schwarz, salientam a importância da continuidade para se estabelecer um processo cultural. Observa Myrna Bier Appel que "mesmo autores de valor secundário, numa escala estética, transmitem depoimentos relevantes do ponto de vista histórico e sociológico, dando vida a costumes, tipos humanos, paisagens, ambientes, valores éticos que, sem eles, se teriam perdido ou seriam dificilmente recuperáveis. O conhecimento do passado representa, sem dúvida, possibilidade

de melhor conhecer o presente. (O ensino da literatura no I e II graus. *Jornal do Sul*, nº 1, 1982).

José Veríssimo, ao fazer sua observação sobre o teatro brasileiro, certamente não tinha conhecimento da produção teatral como já a conhecemos hoje, com a publicação de manuscritos que sequer chegaram a ser encenados ou publicados. Se não temos um gênio no teatro brasileiro, mesmo se tomarmos como referência o ano de 1991, podemos rastrear a continuidade do processo cultural à medida que vicem à tona textos praticamente desconhecidos de nossos teatrólogos. Enfim, os juízos até agora formulados sobre o nosso teatro, se não mudam de maneira radical, podem se modificar sensivelmente, como admite Sábato Magaldi em seu excelente *Panorama do teatro brasileiro* (Difusão Européia do Livro, 1962).

Também no Rio Grande do Sul, tendo em vista a edição de teatrólogos novos, somado ao que já temos publicado de Araújo Porto Alegre, Joaquim Alves Torres, Simões Lopes Neto e Qorpo Santo, a que se juntará a edição de *O monarca das coxilhas* de César de Lacerda, já podemos ter uma nova visão do teatro aqui produzido. O problema do teatro brasileiro está em captar sua unidade possível, ou estabelecer os critérios básicos que possibilitem uma visão orgânica e unitária do seu processo. Qualquer tentativa de estabelecer coordenadas comuns dentro de um período literário incorre no risco de extraviar-se no acidental. Não é pelo fato de Sílvio Romero dizer que "o teatro é a parte mais enfezada de nossa literatura" que se justifica o descaso com que o encaramos até hoje. Se há algo que liga os teatrólogos, de Martins Pena a Nelson Rodrigues, de Jorge de Andrade a Plínio Marcos, serão os costumes da época: mais que os resultados estéticos, admitimos, importam os aspectos documentais. É através deles que podemos estabelecer uma continuidade, pois os problemas levantados à época dos românticos continuam hoje, assim como o jeito de ser do homem brasileiro tem muito do que observamos em Martins Pena ou França Júnior. Por este prisma deverá ser encarado o teatro de César de Lacerda, em especial o *monarca das coxilhas*.

5. O Teatro de César de Lacerda

Que ventos estranhos teriam trazido Augusto César de Lacerda (Lisboa 1829-1903), militar, depois discípulo do maior ator português da época (Epifânio), teatrólogo já conhecido, ao Rio Grande do Sul? Aqui permanece com sua esposa de 1863 a 1869, aqui tem um filho. O casal viaja para Recife e lá, em 1867, César de Lacerda publica o drama *o monarca das coxilhas*, cuja ação se desenrola nos arredores de Jaguarão. As referências à passagem de César de Lacerda pelo Rio Grande do Sul são ao que podemos encontrar

em Athos Damasceno, Augusto Meyer, Guilhermino César e Eneidy Till e, agora, na dissertação de mestrado de Regina de Fátima Simões e Silva com o título de *O gaúcho em cena: O monarca das coxilhas*.

Enquanto os motivos que o trouxeram ao Rio Grande do Sul continuam a ser pesquisados e se rasteia a sua atividade intelectual no período em que aqui permaneceu, sabe-se que, em Portugal, como ator e autor conquistou fama e honrarias, com peças traduzidas e representadas na Espanha. Fidalgo, fez vida militar, serviu no paço e foi festejado pelo grande público da época.

6. A Incorporação das Fontes Rurais e o Mito da "monarquia" no Teatro

O adagiário da segunda metade do século XIX, os versos e as narrativas realçavam um certo tipo de gaúcho marcado pela virilidade, cavalheirismo, fidelidade ao estancieiro - defensor da sua terra e paladino da liberdade. De Apolinário Porto Alegre a Simões Lopes Neto, de Alcides Maya a Erico Veríssimo, o homem do campo adquire dimensões míticas. Produto de uma circunstância histórica e de visão de uma classe social, o mito da "monarquia" percorre todo o subsolo da literatura produzida no Rio Grande do Sul.

Já o teatro, mesmo nas quatorze peças de Simões Lopes, é inteiramente urbano, em tipos, situações e linguagem. Devemos a César de Lacerda, um português, a incorporação do mundo rural gaúcho ao teatro, aproveitando o tema da monarquia, adaptando, na sua peça, a ação do protagonista, Jabutá, em luta contra os "blancos" uruguaios e possíveis invasores paraguaios.

Navegamos em plena conjectura sobre os motivos que teriam feito aportar César de Lacerda ao Rio Grande do Sul, mas podemos entender perfeitamente por que ele abordou o mito do "monarca das coxilhas", já que ele estava arraigado na tradição popular e literária. Alencar vai corporificar o tipo idealizado e romântico do gaúcho em Manuel Canho no seu discutido romance *O gaúcho*, que Augusto Meyer considera "uma espécie de Hamlet guasca", enquanto nas trovas populares, nos cantos de "monarquia", no Canto do monarca" de Múcio Teixeira, no Gaúcho forte de Zeferino V. Rodrigues, no Monarca das coxilhas, conto de Apolinário Porto Alegre, o mito se repete com insistência.

Observa Augusto Meyer em *Prosa dos pagos* (Presença/INL, 1979, 1979, 3ª ed., p. 89): "O tema da monarquia, isto é, da vida solta e aventureira do gaúcho primitivo, ainda não foi devidamente estudado. Antes do romance de Alencar, já se define claramente como tema político e entrecho teatral. Em 1867 lançava a tipografia do Jornal do Comércio um volume de cento e oitenta e oito páginas, de autoria de César de Lacerda, intitulado: *O monarca*

das coxilhas. Drama de Costumes da Província do Rio Grande do Sul. Augusto Meyer, que considera a obra de César de Lacerda "pioneira", em que pela primeira vez o tipo gaúcho, como herói original dentro de um ambiente original, é levado ao palco", confessa que a primeira referência sobre César de Lacerda ele a encontrou num catálogo suíço de obras raras!

A melhor interpretação sobre a peça de César de Lacerda aparece nos artigos publicados por Guilhermino César no Suplemento Literário do *Diário de Notícias*, de Porto Alegre (30 de junho, 7 a 14 de julho de 1957), assim como a melhor análise sobre o significado histórico, social, político, portanto sua vertente ideológica, vamos encontrar no trabalho de Regina Zilberman em *Paisagens*, contos de Apolinário Porto Alegre, onde justamente sobressai a narrativa *O monarca das coxilhas* (Movimento/INL, 1987).

7. O Monarca das Coxilhas no Palco

César de Lacerda localiza a ação da peça *O monarca das coxilhas* num espaço e num tempo histórico bem demarcados: arredores de Jaguarão, numa estância, entre 1864/65. A intenção é nítida: o solo pátrio precisa ser defendido do inimigo externo, identificado tanto pelos "blancos" uruguaios como nos soldados paraguaios. O perigo é iminente dos dois lados da fronteira, a vida está em jogo, traição e amor à pátria são duas determinantes na vida dos personagens. Invasão dos "blancos" e Guerra do Paraguai constituem componentes importantes do desenvolvimento do drama.

Uma rápida análise das personagens permite vislumbrar tanto os ingredientes de qualquer peça romântica, quanto a engrenagem política, que as envolve. No centro de tudo, está a família, com seu patriarca, que exerce poder (de vida e morte sobre quem vive na estância. Como diz Regina de Fátima Simões e Silva em sua tese de mestrado "as atividades exercidas por cada uma das personagens inserem-as em classes sociais diferentes". Não resta dúvida de que o coronel Estanislau, rico estancieiro, pertencente à classe dos latifundiários, detém a posse da terra e comanda a política local. Sua palavra é lei: peões, agregados, escravos e gaúchos andarilhos não discutem suas ordens, apenas obedecem. A fidelidade é essencial para a manutenção da vida na estância, ainda mais ante a iminência de um ataque externo.

As personagens da peça compõem uma pirâmide social: a) a família: Coronel Estanislau, rico estancieiro; sua filha Silvina e o filho Claudino; a filha é moça casadoira, disposta, de "faca na bota", identificada com a vida no campo; Claudino não leva jeito para as lides da estância; b) - os vizinhos: Abílio Marugipe, também proprietário e charqueador, mas sem força social e política do Coronel Estanislau; D. Teresa Marugipe, a mãe; D. Elpidia é

uma viúva, disponível, rica estancieira; c) o visitante: José Clavel é um engenheiro português, hóspede da família do coronel Estanislau, através de quem se faz o contraponto entre campo e cidade, entre a vida civilizada e a vida primitiva, optando o autor por um meio-termo, privilegiando os aspectos positivos e criticando os vícios dos dois lados, não deixando a trama se desviar para excessos sentimentais ou nacionalistas exagerados; d) os empregados: Jabutá, português foragido, possível criminoso, cheio de culpa e remorso, mas fiel ao estancieiro Estanislau e nutrido um amor não relevado por Silvina, será o feitor da estância e o monarca; João Capataz, capataz da tropa; Bráulia, mucama (sic) de Silvina. Leão é o pajem do coronel Estanislau. Aparecem ainda tropeiros, guerrilheiros "blancos" e um gaúcho guerrilheiro. Bráulia é parda; Leão, negro.

O desenho do estamento que preside a vida da estância e, por extensão do Estado, não poderia ser mais claro. Espaço e tempo, de acordo com os preceitos românticos, aparecem bem demarcados. Sobre eles vão se delineando as fisionomias, os costumes, os hábitos específicos da região e, por fim, a linguagem com variantes locais. Mais do que pela apreciação estética, o texto vai se impor como documento, como imagem de uma sociedade, num determinado espaço-tempo.

Convém assinalar, no entanto, que a leitura da peça se faz com agrado, pois César de Lacerda sabe montar bem a engrenagem, conduz com maestria as ações, o entra e sai das personagens; não exagera nos confrontos entre o bem e o mal, entre o vilão e o herói; ressalta as características regionais, mas não carrega nos tons e tempera o drama com freqüente bom humor. O herói Jabutá volta vitorioso da Guerra do Paraguai, configurando tudo o que se pede de um "monarca das coxilhas", mas paga um preço terrível: perde um braço. Isto não impede que abraçe, afinal, a filha do estancieiro, e receba um dote "merecido", pois é "o monarca das coxilhas mais animoso que há em todo o Rio Grande". Até mesmo o amor não tem seu suporte sentimental muito acentuado, em qualquer dos níveis sociais, o que dá um sabor de atualidade e projeta o jeito de ser gaúcho através dos tempos. Enquanto Silvina diz que "No amor a este homem está... o amor à minha pátria", Clavel vê na estancieira Elpídia algo mais interessante. Enquanto lhe beija a mão, diz cinicamente para si mesmo: "Não me julgava suscetível de tirar a sorte grande! Por fim das contas, hei de vir a amá-la... quando não estiver constipada". E arremata, dizendo para D. Elpídia: "Deixe-se disso, D. Elpídia! O dinheiro, no fim de contas é a única felicidade do mundo."

Por fim, convém insistir num aspecto fundamental para uma apreciação menos circunstancial ou estereotipada de *O monarca das coxilhas*: o domínio artesanal e a sabedoria na condução do drama impedem as demasias românticas. Patriotismo, sentimentalismo, ênfase na bravura do monarca, linguagem com toques regionalistas, maniqueísmo, tudo parece dosado a contento, ainda mais se considerarmos ter sido a peça escrita em pleno apogeu do Romantismo. *O monarca das coxilhas* surpreende como um todo, sua leitura

se faz com agrado. Somente sua encenação poderá nos dimensionar o seu potencial como espetáculo e sua possibilidade de permanência. Seu valor como documento é inquestionável.

Porto Alegre, setembro de 1991.